

## **Sobre o regresso dos portugueses à pátria de origem, pós -1974, a propósito do romance *O retorno* (2011), de Dulce Maria Cardoso**

Miriam Denise Kelm<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo propõe uma reflexão sobre o recente romance **O retorno** (2011), da autora portuguesa Dulce Maria Cardoso, considerando a perspectiva experiencial nele apresentada e sua singularidade, observando outras incidências deste mesmo tema em romance como **As naus** (1988), de António Lobo Antunes. Utiliza-se o apoio teórico ofertado pela crítica pós-colonialista e pelos Estudos Culturais (vide Homi Bhabha, Edward Said, Aijaz Ahmad, entre outros), assim como a reflexão produzida pelos portugueses Margarida Calafate Ribeiro e Boaventura de Sousa Santos para especular a respeito dos efeitos de deslocamentos humanos motivados pelo sistema colonialista e sobre a reordenação vivencial e identitária resultante de sua extinção nos moldes até então propostos.

**Palavras-chave:** Descolonização; identidade; romance português.

---

<sup>1</sup> Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> do Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), campus Bagé/RS; coordenadora do Núcleo de Estudos de Literaturas Lusófonas no Pampa (NELLP) e do Projeto de Extensão “Leituras Orientadas de Textos Dramáticos”.

## About the Portuguese comeback to motherland, post-1974, on account of romance *The return* (2011), of Dulce Maria Cardoso

**Abstract:** This article propose a reflection about the recent romance **The return** (2011) of the Portuguese author Dulce Maria Cardoso considering the experimental perspective presented and its peculiarity, observing other incidents of this theme in the romance **As naus** (1988), of António Lobo Antunes. Its used the theoretical support given by the review post-colonial and the Cultural Studies (Homi Bhabha, Edward Said, Aijaz Ahmad, among others) just as the reflection produced by the Portuguese Margarida Calafate Ribeiro e Boaventura de Sousa Santos to speculate about the effects of the human displacement resulted of a colonial system and a reorganization of life and identity caused by its extinction in its patterns proposed until then.

**Keywords:** Decolonization; identity; Portuguese romance.

## A título de apresentação de um novo romance português

Em tempos de grande mobilidade social, como os vividos na primeira década do século XXI, por toda ordem de motivos que se possam arrolar: os demandados pela necessidade de buscar autonomia econômica ou aprimoramento intelectual; os que tem

como causa conflitos associados à ocupação de poder e que expulsam grandes contingentes humanos ou, ainda, os provocados pelas desordens naturais, o lançamento de um romance em 2011 sobre o regresso dos portugueses de suas antigas colônias ultramarinas (Angola, Moçambique, Guiné-Bissau) para a metrópole, ocorrido em meados de 1970, chama a atenção pelo muito que reserva, justamente pelo pouco que se apreendeu daquele complexo episódio.

**O retorno**, terceiro romance da autora Dulce Maria Cardoso que até então não havia chamado tanto a atenção da crítica, lançado por uma editora independente e de tão recente percurso, traz uma perspectiva que ajuda a compor uma das tantas facetas deste imenso espaço histórico e vivencial a que chamaríamos *memorialístico* - mas não só, pois se insere na ordem de textos perscrutadores sobre matéria ainda pouco elaborada, passadas quatro décadas dos fatos. Ainda são poucas as resenhas sobre o mesmo, mas já se tem notícias da repercussão que vai angariando em Portugal, vide o Prémio Especial da Crítica da edição 2011 dos Prémios de Edição LER/Booktailors, anunciado dentro da 13.<sup>a</sup> edição do **Correntes d'Escritas**, na Póvoa de Varzim, e algumas entrevistas bastante atuais que a escritora tem dado diante do interesse crescente à medida em que o livro se propaga entre a mídia e os leitores.

Já António Lobo Antunes, em 1988, no romance **As naus**, fizera de Lisboa o cenário de um regresso forçado, evocado de situações que beiravam o fantástico e o bizarro, justamente porque os protagonistas são "*personas*" literárias e históricas, como Luís de Camões e Vasco da Gama, entre muitos outros, que carregam consigo

a tradição e o reconhecimento e, após a “travessia” de lapsos temporais seculares, eram confrontados com a humilhação e com o “sem-lugar” dentro da sociedade portuguesa pós-ditadura salazarista e pós-guerra colonial. A “re-aparição” dos responsáveis pelo empreendimento expansionista ou daqueles que fomentaram os mitos que o ampararam vincula-se aos questionamentos que subjazem ao fim do modelo colonial: validade da empreitada, empenho material e subjetivo, extensão dos danos; tudo isto sopesado, pois o retorno é inglório e o sentimento coletivo está próximo do desastre.

### **A descolonização e seus efeitos: considerações sobre “os retornados”**

Margarida Calafate Ribeiro e Roberto Vecchi, organizadores da **Antologia da memória poética da guerra colonial** (2011), referem-se ao conflito bélico que se estendeu por 13 anos, sempre denegado em seu decorrer pelo poder instaurado, e ao seu desfecho, que provocou o redesenho do panorama geopolítico português, advindo da descolonização, como o mais complexo e trágico evento da contemporaneidade, para os portugueses, justamente pelo tratamento que recebeu e pelo efeito avassalador que causou, e sobre o qual muito há que ser colhido, reformulado e dito (RIBEIRO e VECCHI, 2011, p. 21).

A mesma autora, em obra anterior, **Uma história de regressos**. Império, guerra colonial e pós-colonialismo (2004), observa que o período (primeiramente de ida

dos portugueses para a ocupação, posteriormente para a manutenção das colônias na África e, por fim, de volta para a metrópole), está repleto de contradições e incoerências, e sinaliza o término de um ciclo histórico que pode ser “visualizado” numa imagem:

[...] (a) imagem do que este tempo realmente foi: um tempo de fim a que o subjacente movimento dos barcos entre Portugal e o Império – e todos os movimentos de desterritorialização e territorialização mais vastos a ele associados – oferece a metáfora-chave representativa desse movimento pendular entre nação, império e regime que se foi a si mesmo esgotando e esvaziando...(grifo nosso; RIBEIRO, 2004, p. 178)

Ainda, segundo a ótica do movimento entre centro (Portugal) e periferia (ultramarina), a estudiosa refere-se à circulação de informações e notícias sobre o que realmente se passava nas colônias, a partir de 1961, tendo em vista o exercício tácito da censura e controle ditatoriais, como um fenômeno que se poderia chamar de momento em que “o império começa a escrever à metrópole” (RIBEIRO, 2004, p. 176). O fato se deu não só através de africanos comprometidos com a independência ou escritores atuantes à época, mas por meio de metropolitanos deslocados para a África, seja por causa da guerra, seja por motivos migratórios, utilizando-se de gêneros textuais diversos: cartas, poemas, canções, artigos, etc., dando início ao descortinar de realidades difíceis de serem relativizadas.

Em nosso entender, a obra ficcional que ora tratamos ainda faz parte deste intuito de “levantar o

véu” sobre um tempo encoberto. Mais que isso, sua perspectiva pode inclusive ser aceita como uma “escrita à metrópole” (à atual metrópole que se dispõe a rever os fatos), a partir da experiência dos portugueses e seus descendentes que saíram da pátria de origem, pensando nas extensões ultramarinas como lugares que poder-se-iam “tomar como seus” em sentido literal, mas foram fraudados pelo sonho falho do império colonial e, ao retornar, percebem-se muito pouco acolhidos, sem um lugar legítimo para ocupar – leia-se “clandestinos” - e sem a legitimidade espaço-cultural (e identitária) que uma nação concede aos seus.

Tal como Ribeiro, Boaventura de Sousa Santos, através da constante produção escrita e de seu trabalho à frente do Centro de Documentação 25 de Abril, ligado ao CES (Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra), em depoimento intitulado **Colonialismo português**: a história por fazer, reafirma o caráter ainda incipiente de toda uma investigação e reflexão para as quais **O retorno**, de Dulce Maria Cardoso, é um contributo excepcional através da via literária:

A história do colonialismo português está ainda em grande medida por fazer e o mesmo sucede com o processo de descolonização. [...] um passado complexo e rico, pois, que devemos hoje encarar com sobriedade e pragmatismo, sem vergonha nem triunfalismo. Acima de tudo, devemos encará-lo como uma exigência de futuro (SANTOS, 1999, p. 32-33).

Para que melhor se compreendam as considerações aqui lançadas, sinteticamente temos, no início do

romance, a última noite de uma família de portugueses em terras angolanas, logo após a Revolução de Abril em 1974, e que traria como consequência o fim da guerra colonial e a retirada às pressas dos “colonos”, cujos filhos, inclusive, ali nasceram. Toda a parte restante se passa num hotel, na cidade portuguesa de Estoril, para onde inúmeras famílias são acomodadas, temporariamente, até que consigam se estabelecer. Note-se que mais de meio milhão de pessoas retornaram a Portugal, provindos de Angola e Moçambique, em especial, entre 1974 e 1975, principalmente.

No mais, será o relato sobre um ano inteiro de permanência em condições precárias, principalmente do ponto de vista emocional e subjetivo, pois a família em questão tivera de deixar o pai para trás, cujo destino em Angola e retorno a Portugal se fazem incertos até o último momento, e também pelo fato de que se torna difícil retomar alguma normalidade na existência cotidiana, pois há falta de privacidade, a contabilidade entre o número de pessoas, os espaços ocupados e a rotina das refeições, por exemplo, não fecha, sem contar que um hotel jamais será “uma casa”.

Toda a narrativa constrói-se através de *analepses*, recurso temporal retrospectivo muito apropriado perante a agilidade das ações (partida da África, chegada à metrópole) e adequado, também, quando o dia-a-dia no hotel arrasta-se por todo um ano de incertezas e instabilidade quanto ao futuro. Aí sim, pelo foco visional do narrador (um adolescente), oscilante em relação ao que não compreendia inteiramente (como os dados da infância e o contexto colonial maior em que está inserido), e ao que vai assimilando pela maturidade

precoce com que a realidade o surpreende, são ofertados ao leitor os diálogos dos adultos, sua desesperança e os sentimentos díspares de raiva em relação ao que foram obrigados a deixar para trás (e como tudo seria destruído pelos africanos), entremeados com instantes de saudosismo ligado ao estilo de vida que na África detinham.

Seguindo a precisa noção de dialogismo bakhtiniano, em que o romance polifônico é o que atinge um grau de maior proximidade com o real, admitido o caráter ideológico do signo linguístico e, por extensão, a vinculação do texto literário à História e à sociedade, o livro em causa proporciona o contato com vozes controversas - e plenivalentes - a respeito do fim do processo colonial, a respeito do período político conturbado que se seguiu ao 25 de Abril, e também a respeito do sentimento de “sem-lugar” e estorvo experimentado pelos “retornados”, alcunha com que colonos portugueses e seus descendentes passaram a ser designados pelos metropolitanos. Diz o adolescente narrador: “Não sabemos bem o que é ser retornado, mas nós somos isso. Nós e todos os que estão a chegar de lá” (CARDOSO, 2011, p. 77).

Provém daí, justamente, outra voz marcante do texto, cujas palavras e sentidos são ouvidos e recepcionados de forma impactante no íntimo das crianças e jovens retornados – os primeiros a, por força de frequentar o meio escolar, exporem-se socialmente. Trata-se do que chamaríamos de “voz social por excelência”, a voz coletiva que explicita um preconceito danoso em que estão embutidas questões essenciais não só de classe, mas de identidade nacional. Mesmo que a sigla IARN



(Instituto de Apoio ao Retorno dos Nacionais”, órgão criado então, reafirmasse a nacionalidade portuguesa daqueles que tinham estado na África, não era desse modo que a população em geral os via. Veja-se o trecho que reproduz a revolta crescente no jovem, implicada na linguagem designativa com que formula em pensamento a cena passada em sala de aula:

A puta da professora, um dos retornados que responda, como se não tivéssemos nome, como se já não bastasse ter-nos arrumado numa fila só para retornados [...] o retornado aí do fundo que responda... (CARDOSO, 2011, p. 139-141).

Citar a já perceptível ingerência do matiz autobiográfico, quando da leitura de **O retorno**, confirmada após rápida investigação sobre a autora, é relevante somente por um motivo: a força da narrativa provém de sua profunda veracidade e poder de convencimento, atuando sobre nós, leitores, através de todos os ingredientes que uma obra de ficção verdadeira traz em seu bojo: opção por estratégias narrativas qualificadas, tema de interesse humano tratado em sua complexidade, existência de situações paradoxais apontadas, mas sem resolução por sua própria natureza, notório grau de informações que crescem ao leitor, capacidade de ampliação da visão sobre o dado histórico, a partir da proposição do humanamente nele implicado.

Quanto ao mais, o investimento num narrador juvenil, cuja perspectiva, linguagem e modo de estar no mundo são masculinos, demonstra um largo comprometimento

da escritora com os meios ficcionais que pudessem favorecer o texto, criando-se o distanciamento não só necessário entre autor/narrador, mas tornando-se a forma que melhor reuniria as condições de mostrar o dentro/fora (da casa em Angola, do hotel em Portugal). Explique-se: o rapaz pode transitar livremente por diferentes espaços, ouve as conversas dos homens, descreve à perfeição as frustrações maternas e condói-se com a nova situação da irmã, malvista por ter convivido com negros e, por isso, sem as perspectivas comuns às moças de sua idade. Trata-se dos anos 70, em uma nação conservadora onde ainda cabem aos homens o sustento da família, as iniciativas, as decisões e a participação maior na vida pública. Ambos, por força das circunstâncias, começam a viver e se sentir marginalizados na metrópole, aquela mesma que, ainda na África, fora construída em sonhos como uma idealidade à qual sempre seria possível retornar.

O romance lança luzes sobre a mentalidade predominante então, revelando posicionamentos de difícil aceitação no contexto atual, pois algum esclarecimento já se fez em torno de questões como, por exemplo, o sentimento de superioridade do branco português em relação aos negros nativos, cultivado pela cultura eurocêntrica e gerado pelas características desiguais de imposição de uns sobre os outros, lembrando que a violência permeou todo o processo de colonização e produziu ressentimentos e inadaptação. A descolonização, no caso específico português, reintroduziu uma parcela populacional indesejada na metrópole falida economicamente, e que, aos olhos da coletividade, não é mais percebida como legítima

quanto à nacionalidade lusitana.

Este talvez seja um dos aspectos mais contraditórios e perversos do processo imperial: tanto os deslocamentos espaciais, migratórios, como as opções políticas adotadas em meio aos conflitos (a exemplo dos africanos que lutaram ao lado dos portugueses, durante a luta pelas independências das colônias) produziram sujeitos *intervalares* que passaram a ocupar *entre-lugares* espaciais e sociais, situados, além disso, no *entre-meio* temporal, onde o passado de nada mais servia (ou ficava a doer) e o futuro escancarava-se como uma exigência quase impossível de ser imaginada, menos ainda construída (após o retorno a Portugal)<sup>2</sup>. Observe-se, no excerto a seguir, o sentido dual explicitado no viver das personagens:

A culpada de a mãe ser assim é esta terra. Sempre houve duas terras para a mãe, esta que a adoeceu e a metrópole, onde tudo é diferente e onde a mãe também era diferente. O pai nunca fala da metrópole, a mãe tem duas terras mas o pai não. Um homem pertence ao sítio que lhe dá de comer a não ser que tenha um coração ingrato, era assim que o pai respondia quando lhe perguntavam se tinha saudades da metrópole. (CARDOSO, 2011, p. 11).

---

<sup>2</sup> Os termos utilizados em itálico provêm das proposições de Homi Bhabha, elaboradas na obra **O local da cultura**, em que discute a reconfiguração geoespacial e identitária na contemporaneidade, a partir da experimentação pós-moderna e pós-colonial (BHABHA, 2003).

## A título de formulações concludentes

Pelas revelações sobre o sofrimento contundente então vivido, diante das circunstâncias históricas e sociais, repondo em profundidade e excelência narrativa a experiência paradoxal do “ir e voltar” e ver-se rechaçado tanto lá (Angola) quanto cá (Portugal), acreditamos ser este mais um texto filiado ao rol daqueles que “escreveram, a partir do império, para a metrópole”, dando a conhecer situações até então não dimensionadas. Simultaneamente, é também texto escrito a partir da perspectiva de portugueses que se perceberam em meio a um projeto malfadado, levados a um reencontro com suas origens e impelidos a mais um dos muitos recomeços a que se viram obrigados, já que a pátria do pós-guerra, nos anos 50, além de nem sempre garantir o pão de todo o dia incentivara em larga escala a ocupação dos territórios ultramarinos. Desse modo, **O retorno**, de Dulce Maria Cardoso, dá concretude à oposição binária entre metrópole e colônias, através do resgate dos modelos discursivos então vigentes e que afetavam profundamente a identidade dos portugueses, fraturando-os em, no mínimo, dois contingentes humanos: os que ficaram e os que foram. (Sobre este binarismo que afeta os modelos discursivos presente nas obras literárias, ver BONNICI, 2000, p. 134).

Instada a responder por que, após tantos anos, produzia um livro sobre o período final da permanência de portugueses ou seus descendentes na África, sobre a vinda atribulada dos mesmos para a metrópole e o ano imediato que se seguiu, a escritora responde o que invariavelmente é sabido: - “Precisei tempo”, diz ela.

Complementamos: pois as experiências traumáticas exigem uma temporalidade que as abarque, que as faça “ver melhor” no conjunto da existência, obrigando quem as sofreu a recolocá-las no tracejado histórico de que fizeram parte. Justamente por não se tratar de um “ajuste de contas” pela via narrativa, conforme a autora tem feito questão de reafirmar, ela empenhou-se na construção da forma e, ao fazê-lo, cercou a essência da “história por contar” de cuidados ficcionais, certificando-a como romance a conhecer e reconhecível em sua singularidade.

A escritora Lídia Jorge, ao discorrer sobre a forma romanesca, sua hibridez, versatilidade e adaptabilidade às necessidades atuais de expressão, depõe:

Creio que o romance continua a desempenhar uma função que nenhum outro gênero desempenha, até porque o romance, gênero de narrativa recente, é o rosto visível do mundo contemporâneo, e mãe de uma antropologia nova que ainda só há dois séculos fundamos, e que não pode estar prestes a terminar. (Grifo nosso; JORGE, 1999, p. 157)

**O retorno** é, pois, um romance que dá visibilidade às marcas indissolúveis que o processo de descolonização deixou no Portugal contemporâneo, e não só. Um romance integrado ao que Aijaz Ahmad propõe ser a dialética fundamental que ajuda a constituir uma “unidade contraditória” no mundo em que vivemos: a que é perpassada pelas noções ligadas a imperialismo, descolonização e nação; dialética esta que não pode ser ignorada pela Teoria Literária (AHMAD, 2002,

p. 25). Assim como a mesma Teoria Literária, perante tão qualificada produção escrita advinda de homens e mulheres que viveram pessoalmente as experiências-limite e, mais tarde, as transformaram em textos literários, escolhendo a via estético-expressiva para atuar socialmente (o que é particularmente notável entre os portugueses), não pode ignorar a presença da contingência vivida no produto final, ficcional. Mas isso é assunto a ser desenvolvido em um outro artigo.

## Referências

- AHMAD, Aijaz. **Linhagens do presente**. Ensaios. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.
- ANTUNES, Antonio Lobo. **As naus**. 6. ed. Lisboa: Dom Quixote, 2006.
- BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e estética**. A teoria do romance. 4. ed. Trad. Aurora F. Bernanrdini et al. São Paulo Hucitec – UNESP, 1998.
- BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Trad. Myriam Ávila, Eliana L. Lima Reis, Gláucia R. Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.
- BONNICI, Thomas. **O pós-colonialismo e a literatura**. Estratégias de leitura. Maringá: Eduem, 2000.
- CARDOSO, Dulce Maria. **O retorno**. 2. ed. Lisboa: Tinta da China Edições, 2011.
- DUARTE, Diogo. **O Retorno**, Dulce Maria Carvalho. Disponível em: <http://www.orgialiteraria.org/2012/02/o-retorno-dulce-maria-cardoso.html>.
- JORGE, Lília. O romance e o tempo que passa ou A convenção do mundo imaginado. In: Lília Jorge in other words – por outras palavras. **Portuguese Literary & Cultural Studies**. Massachussets: University of Massachussets Dartmouth, 2 Spring 1999, p. 157.
- RIBEIRO, Margarida C. e VECCHI, Roberto (Orgs.). **Antologia da memória poética da guerra colonial**. Lisboa: Afrontamento, 2011. p. 21.

RIBEIRO, Margarida Calafate. **Uma história de regressos**. Império, guerra colonial e pós-colonialismo. Porto: Afrontamento: 2004.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Colonialismo português: a história por fazer. In: **Jornal de Letras, Artes e Ideias**, Lisboa, 8 set. 1999, p. 32-33.